

Políticas Públicas e o Desenvolvimento da Ciência

Karine Dalazoana
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Karine Dalazoana

(Organizadora)

**Políticas Públicas
e o Desenvolvimento da Ciência**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas e o desenvolvimento da ciência [recurso eletrônico]
/ Organizadora Karine Dalazoana. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-95-6

DOI 10.22533/at.ed.956180512

1. Ciência – Estudo e ensino – Brasil. 2. Ciência – Aspectos
sociais. 3. Ciência – Política e governo. I. Dalazoana, Karine.

CDD 303.483

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A presente obra reúne modernos textos acerca da temática políticas públicas e desenvolvimento da ciência, traduzindo os resultados de pesquisas que vem sendo desenvolvidas em instituições de ensino superior e pesquisa por todo o Brasil.

Por se tratar de um tema amplo, dotado de uma infinidade de vieses, optou-se por utilizar seções temáticas, as quais facilitam a apresentação dos temas em áreas do conhecimento.

A primeira seção trata das diversas acepções e representações acerca da educação pública, com destaque especial ao ensino de ciências. Os textos versam sobre temáticas que vão da experimentação científica, permeando pelas aulas em campo e visitas técnicas, práticas vivenciais até findar no aspecto do aproveitamento escolar e na intervenção pedagógica.

A segunda seção concentra estudos de caráter experimental relacionados à microbiologia. Os temas englobam estudos de comportamento microbiano, antibiose e a utilização dos microrganismos no monitoramento ambiental.

A terceira seção se ocupa de estudos em bioquímica, especialmente voltados ao consumo e manufatura de alimentos, assim como finaliza com um estudo sobre o comportamento físico-químico de materiais naturais e sintéticos.

Na quarta seção tem-se um apanhado sobre as diversas estratégias em saúde coletiva desenvolvidas nos setores públicos e privados do País. Desse modo, têm-se discussões sobre saúde ocupacional e posteriormente acerca da saúde mental, voltadas para o aspecto da depressão e da ansiedade.

A quinta seção versa sobre estudos em ecobiologia e estratégias de gestão sustentável do meio ambiente, na qual os capítulos permeiam os aspectos mais diversos da conservação da biodiversidade e dos recursos naturais. Trazendo estudos em entomologia, conservação da natureza, impactos socioambientais, agroecologia, ecologia vegetal e construções sustentáveis.

Na sexta seção são apresentados textos sobre tecnologia da informação e inovação tecnológica. Os capítulos tratam sobre o desenvolvimento de novas tecnologias e ferramentas inovadoras para facilitar tanto o aprendizado científico quanto as atividades cotidianas em áreas diversas do conhecimento.

A sétima seção traz um compêndio sobre gestão democrática e participação popular, na qual são apresentados textos sobre gestão escolar democrática, gestão em saúde, participação popular e gestão de custos.

Na oitava seção têm-se alguns estudos sobre representação visual, políticas públicas e o discurso racional. Os textos permeiam entre a autorrepresentação, iconografia, razão, direito e literatura.

Por fim, na nona seção, são apresentados estudos sobre mobilidade urbana, de modo a demonstrar diagnósticos e estratégias de melhoria à mobilidade em cidades brasileiras.

Espera-se que o leitor encontre informações atuais, contextualizadas com a realidade das diversas regiões brasileiras e, além disso, estudos modernos que contribuam para o desenvolvimento das políticas públicas e da ciência no Brasil.

Karine Dalazoana

SUMÁRIO

SEÇÃO I

POLÍTICAS PÚBLICAS, REPRESENTAÇÕES E ENSINO DE CIÊNCIAS

CAPÍTULO 1	1
VISITAS TÉCNICAS: RELEVANTE FERRAMENTA DIDÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	
<i>Evandro Bacelar Costa</i>	
<i>Sárvia Rafaelly Nunes Santos</i>	
<i>Thaciane Lareska Vaz Sousa</i>	
<i>Alberto Alexandre de Sousa Borges</i>	
<i>Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805121	
CAPÍTULO 2	10
CARAVANA CIENTÍFICA: AVALIAÇÃO E INSTRUMENTALIZAÇÃO DE UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO	
<i>Clemilda Figueredo Nascimento Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805122	
CAPÍTULO 3	16
HORTA ESCOLAR ORGÂNICA COMO LABORATÓRIO PARA CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL E ALIMENTAR DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE ITACOATIARA	
<i>Ítala Lorena de Lima Ferreira</i>	
<i>Raildo de Souza Torquato</i>	
<i>Juliana Ferreira Calfas</i>	
<i>Vanesse do Socorro Martins de Matos</i>	
<i>Augusto Izuka Zanelato</i>	
<i>Ademir Castro e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805123	
CAPÍTULO 4	23
O EXPERIMENTO “LABIRINTO ELÉTRICO” COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA ELETRICIDADE	
<i>Honório Pereira da Silva Neto</i>	
<i>Yara Maria Resende da Silva</i>	
<i>Miguel Henrique Barbosa e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805124	
CAPÍTULO 5	30
DESCARTE DE RESÍDUOS EM AULAS DE LABORATÓRIO DE QUÍMICA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Julia Carneiro Romero</i>	
<i>Wesley Nascimento Guedes</i>	
<i>Fábio Alan Carqueija Amorim</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805125	
CAPÍTULO 6	47
A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA CONEXÃO AQUARELA SOBRE O ENSINO DA QUÍMICA: PRESSUPOSTOS E DELIBERAÇÕES	
<i>Juliana Pereira Fadul</i>	
<i>Nicole Karen Vasconcelos Varela da Silva</i>	
<i>Ineval Borges dos Santos Neto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805126	

CAPÍTULO 7	54
CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES EM RELAÇÃO AO CONCEITO CIENTÍFICO DE LIPÍDIOS	
<i>Raquel Miranda de Souza Nogueira Sampaio</i>	
<i>Rodrigo Maciel Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805127	
CAPÍTULO 8	70
PET LICENCIATURAS E A EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO DISCENTE NO PROJETO A CIÊNCIA FEMININA	
<i>Ana Cristina de Sousa</i>	
<i>Ana Luísa Santos de Carvalho</i>	
<i>Giulia de Oliveira Pinheiro</i>	
<i>Glêvia Ferraz Bezerra</i>	
<i>Kelly Karoline Sena dos Santos</i>	
<i>Lorena Savazini</i>	
<i>Mateus Santos Carapiá</i>	
<i>Ubiratam Gomes dos Santos Júnior</i>	
<i>Wallace Rezende Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805128	
CAPÍTULO 9	83
REPROVAÇÃO X APROVAÇÃO: QUANDO A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA FAZ A DIFERENÇA	
<i>Janis Helen Vettorazzo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9561805129	

SEÇÃO II

POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTUDOS EM MICROBIOLOGIA

CAPÍTULO 10	94
ANÁLISE DA SUSCETIBILIDADE A ANTIMICROBIANOS DE BACTÉRIAS VEICULADAS POR FORMIGAS EM AMBIENTE NOSOCOMIAL	
<i>Jéssica Karine Távora de Sousa</i>	
<i>Gleciane Costa de Sousa</i>	
<i>Francilene de Sousa Vieira</i>	
<i>Gizelia Araújo Cunha</i>	
<i>Francisco Laurindo da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95618051210	
CAPÍTULO 11	104
AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA DE SOBRAS DE ALIMENTOS EM UM RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO	
<i>Karine Barbosa de Menezes</i>	
<i>Rodrigo César de Moura Castro Alves</i>	
<i>Milena de Castro Fernandes</i>	
<i>Laudilse de Moraes Souza</i>	
<i>Maria Cristina Delgado da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95618051211	
CAPÍTULO 12	109
EFEITO ANTIMICROBIANO DE EXTRATOS VEGETAIS EM BACTÉRIAS PRODUTORAS DE β - LACTAMASES DE ESPECTRO ESTENDIDO	
<i>Gizelia Araújo Cunha</i>	
<i>Francilene de Sousa Vieira</i>	
<i>Gleciane Costa de Sousa</i>	
<i>João Alberto Santos Porto</i>	
<i>Jéssica Karine Távora de Sousa</i>	
<i>Francisco Laurindo da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95618051212	

CAPÍTULO 13..... 123

MONITORAMENTO AMBIENTAL DAS CONDIÇÕES SANITÁRIAS COLIMÉTRICAS DOS RIOS CAPIVARI E BACAXÁ NA REGIÃO DOS LAGOS - RJ

Priscila Gonçalves Moura
Antônio Nascimento Duarte
Lucianna Helene Silva dos Santos
Adriana Sotero-Martins

DOI 10.22533/at.ed.95618051213

SEÇÃO III

POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTUDOS EM BIOQUÍMICA

CAPÍTULO 14..... 136

DETECÇÃO DE AGLUTININAS NA CASCA E AMÊNDOA DE COIX LACRYMA-JOBI

Maurício Oliveira Paixão
Silvana Braga da Silveira
Wagner Pereira Félix

DOI 10.22533/at.ed.95618051214

CAPÍTULO 15..... 141

ANÁLISE DO PH DA ÁGUA CONSUMIDA POR FUNCIONÁRIOS E ALUNOS DO IFBA – BARREIRAS

Tatielly de Jesus Costa
Josilene Rosa Sobral
Lilian Karla Figueira da Silva
Alexandre Boleira Lopo

DOI 10.22533/at.ed.95618051215

CAPÍTULO 16..... 146

AValiação dos Índices de Acidez e Peróxidos do Óleo de Soja Utilizado em Frituras de Alimentos Comercializados no Centro da Cidade de Ilhéus-BA

Marina Santos de Jesus
Luana Santos Moreira
Florian dos Santos Costa
Clissiane Soares Viana Pacheco
Fábio Alan Carqueija Amorim

DOI 10.22533/at.ed.95618051216

CAPÍTULO 17..... 159

ESTUDO DO COMPORTAMENTO MECÂNICO DE COMPÓSITOS REFORÇADOS COM TECIDOS DE ALGODÃO E NYLON

Marcos Lopes Leal Júnior
Marcos Massao Shimano

DOI 10.22533/at.ed.95618051217

SEÇÃO IV

POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTRATÉGIAS EM SAÚDE

CAPÍTULO 18..... 171

“INVESTIMENTOS” EM SAÚDE DO TRABALHADOR: ENTRE A OBRIGAÇÃO LEGAL E A VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL EM UMA INDÚSTRIA DE CALÇADOS EM CRUZ DAS ALMAS – BAHIA

José Tenório dos Santos Neto
Ana Virgínia Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.95618051218

CAPÍTULO 19..... 182

GERENCIANDO O RISCO ASSISTENCIAL NA UNIDADE DE INTERNAÇÃO CLÍNICA: PREVENÇÃO DE LESÃO POR PRESSÃO (LPP)

Tatiana Rosa do Carmo

Thaís Almeida de Paula

Sebastião Ezequiel Vieira

DOI 10.22533/at.ed.95618051219

CAPÍTULO 20..... 186

PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS A SINTOMAS DE ANSIEDADE EM IDOSOS

Juciara Maria Cunha

Gabriela Sales dos Santos

Samara Carolina Rodrigues

Alessandra Santos Sales

Paulo da Fonseca Valença Neto

Lélia Lessa Teixeira Pinto

Icaro José Santos Ribeiro

Cezar Augusto Casotti

DOI 10.22533/at.ed.95618051220

CAPÍTULO 21..... 194

PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA EM IDOSOS

Juciara Maria Cunha

Samara Carolina Rodrigues

Gabriela Sales dos Santos

Alessandra Santos Sales

Lélia Lessa Teixeira Pinto

Cezar Augusto Casotti

DOI 10.22533/at.ed.95618051221

SEÇÃO V

ESTUDOS EM ECOBIOLOGIA E ESTRATÉGIAS SUSTENTÁVEIS

CAPÍTULO 22..... 203

IDENTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE COLEÓPTEROS DEPOSITADOS NAS COLEÇÕES ENTOMOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, CAMPUS IX

Adriana Gonçalves Barbosa

Juliana Luiz dos Santos

Diany dos Santos Ibiapina

Greice Ayra Franco-Assis

DOI 10.22533/at.ed.95618051222

CAPÍTULO 23..... 208

VALORAÇÃO ECONÔMICA DA DEGRADAÇÃO DO CERRADO: O CASO DO PEQUI (CARYOCAR BRASILIENSE CAMB.)

Amanda Ferreira Andrade

Humberto Ângelo

DOI 10.22533/at.ed.95618051223

CAPÍTULO 24..... 216

OS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS CAUSADOS PELAS CONSTRUÇÕES INADEQUADAS NO MUNICÍPIO DE
GUANAMBI-BA

Ana B. M. Guimarães

Nicole S. Malheiros

Vitoria L. Fernandes

Indira T. L. Rego

Hudson A. Costa

DOI 10.22533/at.ed.95618051224

CAPÍTULO 25..... 219

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS EM SC: ENTRAVES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE AGRICULTORES FAMILIARES

Rafael Dantas Dias

DOI 10.22533/at.ed.95618051225

CAPÍTULO 26..... 236

TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DE AGRICULTORES FAMILIARES DO TERRITÓRIO SERTÃO PRODUTIVO,
CANDIBA-BA

Brisa Ribeiro de Lima

Elcivan Pereira Oliveira

Enok Pereira Donato Júnior

Felizarda Viana Bebé

Priscila Alves Lima

DOI 10.22533/at.ed.95618051226

CAPÍTULO 27..... 241

USO DA TOPOGRAFIA EM LEVANTAMENTO ALTIMÉTRICO PARA A MEDIÇÃO DE ALTURA DE ÁRVORES ARBÓREAS

Francisco Almeida Ângelo

Davi Rodrigues Silva

Barbara Rodrigues Gusmão

Ivanildo Antônio dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.95618051227

CAPÍTULO 28..... 249

SUSTENTABILIDADE NA CONSTRUÇÃO CIVIL: ESTUDO DA VIABILIDADE DA UTILIZAÇÃO DE FÔRMAS DE
POLIPROPILENO EM COMPARAÇÃO A FÔRMAS DE MADEIRA

Alberto de Sousa Mol

Brenda Fernanda Araújo Maia

Bruno Dutra Vidigal

Helton Gonçalves Silva Junio

DOI 10.22533/at.ed.95618051228

SEÇÃO VI

POLÍTICAS PÚBLICAS, ESTUDOS EM TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E INOVAÇÃO

CAPÍTULO 29..... 258

DESENVOLVIMENTO DE APLICATIVO PARA AUXILIAR A APRENDIZAGEM DAS LEIS DE MENDEL

Fernanda da Silva Vieira

Beatriz Bezerra De Souza

Emídio José de Souza

Gustavo Soares Vieira

Wilza Carla Moreira Silva

DOI 10.22533/at.ed.95618051229

CAPÍTULO 30 265

DESENVOLVIMENTO DE FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS PARA AUXÍLIO NO ENSINO DA TEORIA DAS CORES

Helder Gualberto Andrade Rodrigues Junior

Fabio Luiz Sant'Anna Cuppo

DOI 10.22533/at.ed.95618051230

CAPÍTULO 31 274

DESENVOLVIMENTO DE UMA PLATAFORMA DE STEWART PARA SIMULAÇÃO DE MONTAGEM DE BLOCOS DE EMBARCAÇÃO EM LABORATÓRIO

Janaína Ribas de Amaral

Roberto Simoni

DOI 10.22533/at.ed.95618051231

CAPÍTULO 32 288

INTEGRAÇÃO DE APLICAÇÕES PARA AUTOMATIZAR RESERVAS DE VIAGENS: UMA ABORDAGEM USANDO PADRÕES

Edinaldo Gaspar da Silva

Fabricia Roos Frantz

Rafael Z. Frantz

DOI 10.22533/at.ed.95618051232

SEÇÃO VII

POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPAÇÃO POPULAR

CAPÍTULO 33 299

A DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA E CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA ATRAVÉS DOS CONSELHOS ESCOLARES: UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE ÉRICO CARDOSO – BAHIA

Kleonara Santos Oliveira

André Lima Coelho

Martha de Cássia Nascimento

Arthur Prado Netto

DOI 10.22533/at.ed.95618051233

CAPÍTULO 34 304

ESTUDO DO CONSELHO DE SAÚDE DE UM MUNICÍPIO DE MÉDIO PORTE INTEGRANTE DA RIDE-DF

Thayna Karoline Sousa Silva

Mariana Sodario Cruz

Danylo Santos Silva Vilaça

DOI 10.22533/at.ed.95618051234

CAPÍTULO 35 315

10ENVOLVER: FORTALECENDO A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM CINCO MUNICÍPIOS DE MENOR IDH-M DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Valéria Cristina da Costa

Leonel de Oliveira Pinheiro

Luís Ricardo de Souza Corrêa

Patrícia Jeane Queiroz de Souza

Anne Raquel Queiroz Souza

Artemiza Oliveira Souza

Carlos Daniel Ribeiro Santos

Deliene Fracete Gutierrez

Eliana Batista dos Santos

Eliete Ramalho Gomes

Gresiane Soares Lima
Juliana Lemes da Cruz
Kátia Maria da Silva
Leonardo de Oliveira Pinheiro
Mayne Luísa Silva Veronesi
Nacip Mahmud Láuar Neto

DOI 10.22533/at.ed.95618051235

CAPÍTULO 36 331

METODOLOGIA PARA APURAÇÃO DE CUSTOS EM UMA IFES: O CASO DA UFAL

Lucas Silva De Amorim
Lílian Gabriela Pontes Rolim
Anderson De Barros Dantas

DOI 10.22533/at.ed.95618051236

SEÇÃO VIII

REPRESENTAÇÃO VISUAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E O DISCURSO RACIONAL

CAPÍTULO 37 342

DO AUTORRETRATO A SELFIE: A CARICATURA DO EGO

Virgínia De Fátima De Oliveira E Silva

DOI 10.22533/at.ed.95618051237

CAPÍTULO 38 344

ICONOGRAFIA VISUAL NA HISTÓRIA DA INFÂNCIA: AS OBRAS DE ARTES NO ESTUDO DE ARIÈS

Mayelle da Silva Costa
Alexandre Silva dos Santos Filho

DOI 10.22533/at.ed.95618051238

CAPÍTULO 39 359

OS ERROS DA RAZÃO OCIDENTAL NO CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS, DE F.W. NIETZSCHE

Adolfo Miranda Oleare

DOI 10.22533/at.ed.95618051239

CAPÍTULO 40 369

DIREITO E LITERATURA: DA UNIVERSIDADE PARA A ESCOLA

Conceição Aparecida Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.95618051240

SEÇÃO IX

POLÍTICAS PÚBLICAS E MOBILIDADE URBANA

CAPÍTULO 41 384

TAXA DE MOBILIDADE DE SALVADOR; UM ESTUDO DE CASO DO IMBUI PARA O INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA – IFBA

Anamaria Miguez Martinez de Souza
Jancarlos Menezes Lapa
Lavínia Carmo
Júlia Nunes Ramos
Naiara Epitáfio Silva
Lorena Rocha Guimarães

DOI 10.22533/at.ed.95618051241

CAPÍTULO 42 393

TRÂNSITO ACESSÍVEL: UMA TECNOLOGIA PARA A HUMANIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE DEFICIENTES VISUAIS

Karla Rocha Carvalho Gresik Renato Barreto

Gonzaga

Bruno Raí Santos Silva

Getílio Pereira Dias Junior Catilene Souza

Florêncio Sampaio Mariana de Oliveira Neres

DOI 10.22533/at.ed.95618051242

SOBRE A ORGANIZADORA 406

OS ERROS DA RAZÃO OCIDENTAL NO CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS, DE F.W. NIETZSCHE

Adolfo Miranda Oleare

Instituto Federal do Espírito Santo – Campus
Vitória

Fruto de um princípio mal concebido – tributária do chamado otimismo socrático, representado pela equação “Razão = virtude = felicidade” –, a compreensão ocidental de razão guardaria, segundo Nietzsche, quatro erros básicos, apresentados concentradamente pelo autor no sexto capítulo de *Crepúsculo dos ídolos*, intitulado “Os quatro grandes erros”.

Ali, Nietzsche elabora um diagnóstico dos prejuízos causados pela idéia ocidental de racionalidade aos campos do conhecer e do agir humanos, classificando-os da seguinte maneira:

- a. Confusão entre causa e consequência, manifestada quando colocamos a consequência no lugar da causa: o fogo como causa do raio, por exemplo;
- b. Caráter imaginativo da atribuição de causas, manifestada quando imaginamos, para estados fisiológicos, causas morais;
- c. Falsidade na concepção de causalidade, manifestada quando, por não sabermos o que é uma causa, projetamos a experiên-

cia imediata da suposta unidade subjetiva de nosso “eu” em toda a realidade, donde decorrem três crenças, a saber: i) crença na causalidade subjetiva da vontade; ii) crença em motivos conscientes das ações; iii) crença no Eu como causa do pensamento;

- d. crença na vontade livre, manifestada quando o sujeito é tomado como núcleo intencional dos acontecimentos, isto é, quando as ações são todas remetidas a uma suposta auto-transparência da consciência, na qual devem poder ser encontradas as causas do agir, uma vez que este é concebido como obra voluntária, arbitrária e intencional de um agente racional responsável.

Vejamos, a seguir, uma breve análise dos erros apontados por Nietzsche. Considerando que o problema da falsa causalidade (c) não se dissocia da questão da vontade livre (d), reuni os dois temas num só tópico (C).

A) CONFUSÃO ENTRE CAUSA E CONSEQÜÊNCIA

Para evidenciar o primeiro dos quatro erros, Nietzsche recorre a certas transvalorações¹:

1 NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *Os quatro grandes erros*, p. 2.

i) a virtude² não será mais vista como causa da felicidade, mas sim conseqüência de uma vida feliz e bem disposta; ii) uma dieta não será causa da vida longa, mas conseqüência da “condição prévia” para ela, a saber, a lentidão do metabolismo, que demanda o consumo restrito – fator imensamente distante da autonomia em relação à quantidade de alimentos ingeridos; iii) o vício e o luxo não serão causa da aniquilação de um povo, mas conseqüência de sua degeneração; iv) a doença não será a causa do empobrecimento da vida, mas conseqüência dele; v) um partido político não estará a caminho de se dissolver por ter cometido certos erros, mas, ao contrário, erra fatalmente em função de seu estado já decrépito; vi) os valores superiores não serão causa de si mesmos, mas conseqüências de estados afetivos/fisiológicos daqueles que os construíram – pois é próprio do homem inserir em suas relações com os outros e com as coisas “a ordem que representa fisiologicamente.”³

Observemos que todas essas pontuações elaboradas por Nietzsche levam à desconstrução do modelo binário da metafísica. Não por acaso elas culminam na consideração fisiológica/genealógica dos valores superiores – aqueles que sustentam o pensamento da tradição: bem, beleza, verdade, justiça, unidade, ser etc.

Toda a confusão entre causa e conseqüência, todo esse “grande pecado original da razão”⁴, toda essa “*desrazão imortal*”⁵ será fruto, segundo Nietzsche, de um enfeitiçamento da linguagem metafísica, surgida em um tempo de “degradação do instinto” e imaturidade psicológica. A teia de categorias racionais criadas pela linguagem com a qual a metafísica impôs suas avaliações, constituindo assim o mundo ocidental, concentra em si as condições necessárias à produção de um erro radical no que diz respeito às possibilidades do conhecimento. Idéias como unidade, identidade, duração, substância, causa, coisidade e ser são responsáveis por distorções impeditivas ao conhecimento do que efetivamente se realiza no mundo, pois forçam tudo o que se apresenta a se enquadrar em seus limites abstratos, desistoricizantes. Pouco importa se não há unidade fundamental e contínua no acontecimento efetivo do real; se, ao contrário – como afirma Nietzsche –, só há realidade onde se estabelece uma multiplicidade conflituosa de tendências em disputa por um domínio sempre provisório. À trama de conceitos-múmias⁶ engendrados pela linguagem metafísica interessa é impor a unidade como condição essencial de tudo que vem a se realizar, donde se explicam as noções estáticas de sujeito (eu) e objeto (coisa), a partir das quais opera a filosofia.

A linguagem pertence, por sua origem, à época da mais rudimentar forma de

2 Recordemos que virtude em Nietzsche tem o sentido renascentista-aquiavélico de força e vigor e não o sentido cristão de beatitude.

3 NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *Os quatro grandes erros*, p. 2.

4 Idem.

5 Idem..

6 NIETZSCHE, Op. Cit, *A ‘razão’ na filosofia*, p. 1. Nesse texto Nietzsche considera que, no afã de estabelecer verdades eternas, os filósofos produzem discursos desistoricizantes por meio da criação de múmias conceituais.

psicologia: penetramos um âmbito de cru fetichismo, ao trazermos à consciência os pressupostos básicos da metafísica da linguagem, isto é, da *razão*. É *isso* que em toda parte vê agentes e atos: acredita na vontade como causa; acredita no “Eu”, no Eu como ser, no Eu como substância, e *projeta* a crença no Eu-substância em todas as coisas – apenas então cria o conceito de coisa...⁷

A atribuição de autonomia às coisas, a cada uma das coisas do mundo, deriva da atribuição de autonomia ao Eu, pensado precipitadamente, a partir da experiência mais corriqueira de cada indivíduo em seu dia a dia, como unidade ontológica autônoma, independente de relações (sejam biológicas, entre células; sejam instrumentais, com as coisas; sejam interpessoais/sociais, com os outros) contingências, conjunturas, situações.

Portanto, assim como os limites estruturais da visão humana não proporcionam uma compreensão visual adequada dos ultra-longínquos elementos do sistema solar, os limites estruturais de nossa fala, de nossas línguas ocidentais, impedem também que tenhamos uma compreensão adequada dos acontecimentos que formam nossas vidas históricas, baseadas, segundo Nietzsche, numa multiplicidade pulsional/afetiva.

O medo como paixão primordial da filosofia - Nietzsche desenvolve a compreensão de que a linguagem metafísica tem sua origem em uma grosseira psicologia ao observar que tanto a lógica – avaliada como paradigma de todo pensamento – quanto o próprio conceito de conhecimento nascem de uma paixão, a saber, o sentimento de medo, desde o qual se faz vantajoso tornar familiar o estranho que inquieta. Também na gênese das noções de lógica e conhecimento está uma inclinação utilitária à conservação da vida social, enfim, um impulso de deduzir a causa a partir do efeito, como no sonho, ou nas comunidades primitivas. Do sonho pseudo-racionalizante da lógica à lógica pseudo-delirante do sonho parece não haver distância significativa. Ao sonharmos, diz Nietzsche, buscamos e representamos as causas das sensações que temos ao dormir, quando o sistema nervoso encontra múltiplos fatores de excitação. Essa busca conduz a conclusões equivocadas, derivadas de inversões cronológicas em que o último estágio do fenômeno é posto como primeiro. Do efeito, então, é deduzida a causa.

B) AS CAUSAS IMAGINÁRIAS

Aquele que dorme com os pés amarrados por duas correias, por exemplo, “sonhará talvez que duas serpentes envolvem seus pés: primeiramente isso é uma hipótese, depois uma crença acompanhada de representação e invenção visual: ‘essas serpentes devem ser a causa desta sensação que tenho eu, que estou dormindo’ (...)”⁸ O sonhador exige uma causa para sua sensação do mesmo modo que, na vigília, quer

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *A ‘razão’ na filosofia*, p. 5.

⁸ *Humano, demasiado humano*, p. 13.

conhecer o motivo de sentir-se bem ou mal, tenso ou relaxado, inibido ou extrovertido. Apenas a constatação do estado não é satisfatória. Portanto, faz-se necessário associá-lo a uma causa, a uma motivação geradora, enfim, a uma força motriz determinada, certa, segura, com a qual se possa verdadeiramente contar⁹. Efetiva-se, desse modo, um impulso ao asseguramento proporcionado por uma suposta clareza acerca do fundamento de tudo que se realiza, impulso ancorado na crença apaixonada de que é possível unificar, determinar e tornar transparentes as causas dos fenômenos em geral.

A partir dessa crença, conhecimento é sinônimo de determinação de “razões”. Com isso, tende-se à repetição de esquemas explicativos de experiências já vividas, ativando-os na memória: “A recordação, que nesses casos entra em atividade sem que o saibamos, faz emergir estados anteriores da mesma espécie e as interpretações causais a elas ligadas – *não* a sua causalidade.”¹⁰ A satisfação surge da sensação de que foi preenchido o vazio, de que está afastado o horror decorrente do vácuo. Surge, pois, da pretensão de que o caso foi racionalmente conhecido, tornando-se, de certo modo, controlável. “Com o desconhecido há o perigo, o desassossego, a preocupação – nosso primeiro instinto é *eliminar* esses estados penosos.”¹¹ A autenticidade mesma da solução encontrada parece não nos incomodar. “Sem dúvida, a crença de que as idéias, os concomitantes processos conscientes tenham sido as causas é também trazida à tona pela recordação. Desse modo nos tornamos *habitados* a uma certa interpretação causal que, na verdade inibe e até exclui uma *investigação* da causa.”¹²

Para esse hábito tão arraigado, Nietzsche produz uma “explicação psicológica”: queremos nos livrar da angústia causada pela ignorância acerca de algo que nos acontece – não importa exatamente como isso se dará: “(...) qualquer explicação é melhor do que explicação nenhuma. (...) A primeira representação, com a qual o desconhecido se explica como conhecido, faz tão bem que se a ‘toma por verdadeira’. Prova do *prazer* (‘da força’) como *criterium* de verdade.”¹³ O desconhecido, portanto, deve ser rechaçado a qualquer custo. De fato, é a uma paixão – o medo – que Nietzsche atribui o fundo do movimento racional em direção à causalidade.

Não se busca com isto apenas uma espécie de explicações como causa, mas sim uma espécie escolhida e privilegiada de explicações, que tragam consigo o mais rápida e freqüentemente possível a extinção do sentimento do estranho, do novo, do não vivenciado: as explicações *mais usuais*. – Conseqüência: uma espécie de

9 Não nos esqueçamos de que a origem do termo *ratio* é justamente contábil, referente ao movimento comercial dos portos gregos. Também por esse motivo o livro-caixa já se chamou livro-razão. O princípio expresso pelo termo *ratio* é, portanto, a alocação de todos os dados seguramente contabilizáveis em seus devidos lugares (entrada, saída, estoque etc).

10 NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *Os quatro grandes erros*, p. 4.

11 Ibidem, p. 5.

12 Ibidem, p. 4.

13 NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *Os quatro grandes erros*, p. 5. Observemos que, ainda numa perspectiva dualista, o materialismo de Condillac apontou o binômio prazer-desprazer como princípio do agir e do pensar humanos. Também Hobbes e Locke condicionaram a atividade racional ao desejo.

posicionamento das causas torna-se cada vez mais preponderante; concentra-se sistematicamente e mostra-se por fim como *dominante*, isto é, exclui simplesmente outras causas e explicações.¹⁴

Para explicar seu estado de ânimo a si mesmo ou a quem quer que seja, cada um tende a concluir que o motivo de se encontrar disposto ou indisposto, eufórico ou entediado, desse ou daquele modo, pode ser encontrado no mais corriqueiro: “O banqueiro pensa imediatamente no ‘negócio’, o cristão no ‘pecado’, a moça em seu amor.”¹⁵ Seguindo o curso dessa prática in-consciente e auto-iludida, os “sentimentos universais *desagradáveis*” são tomados como resultado de erros cometidos, como punição por atos impensados: “toda e qualquer grande dor, seja ela corporal, ou espiritual, expressa o que merecemos; pois ela não poderia advir-nos, se não a merecêssemos.”¹⁶ Com os “sentimentos universais *agradáveis*”, a explicação é invertida. Resultam eles de fatores como a confiança em Deus, a consciência das boas ações, o sucesso de algo que se fez. Como condição para eles, diz Nietzsche, são eleitas as virtudes cristãs: crença, amor, esperança.

Em verdade, todas estas pretensas explicações são *conseqüências* de estados de prazer e de desprazer traduzidos, por assim dizer, em um falso dialeto: se está em condições de ter esperanças, *porque* o sentimento fundamental fisiológico está de novo forte e rico; confia-se em Deus *porque* o sentimento de plenitude e de força entrega ao indivíduo a quietude.¹⁷

Portanto, Deus não é causa concreta da esperança e da quietude atribuídas ao exercício de sua influência: vive em glória de empréstimo. Não é o promotor da tranqüilidade, da paz, da segurança, da potência, mas recebe os louros.

C) FALSA CAUSALIDADE E VONTADE LIVRE

E tu me acusas de tal modo, como se fosse culpa minha, como se eu pudesse, com uma guinada no volante, por exemplo, conduzir tudo para outra direção (...) (grifo do autor).

(KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 17 e 20)

Uma vez introduzida na cultura, a noção de causalidade gera no pensamento o impulso de tornar acessível, comum e familiar o conhecimento do que seja uma causa. Entretanto, alerta Nietzsche, o desconhecimento persiste e prevalece: jamais se soube o que é uma causa. Contudo, dada a urgência de se fazer a correspondência

14 Cf. NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit. p. 47.

15 Idem.

16 Shopenhauer, apud Nietzsche, **ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, p. 47.

17 Cf. NIETZSCHE, Friedrich. **ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, p. 48.

entre a existência efetiva e essa idéia metafísica fundamental, precipitações tomaram o lugar da investigação prolongada acerca do seu valor.

Para Nietzsche, portanto, a razão ocidental engendra o “erro de uma falsa causalidade” porque acredita saber o que não sabe, cultivando, daí, não um saber, mas uma crença num suposto saber. A leitura do filósofo encontra as raízes desse problema no processo de interiorização do homem, marco da passagem do mundo aristocrático para o mundo cristão. Também pesa aqui, determinadamente, a noção moderna de sujeito moral.

Em *Genealogia da moral*, II, p.16, Nietzsche se vale de uma metáfora evolucionista para definir o processo em questão, surgido quando o homem “se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz”¹⁸:

O mesmo que deve ter sucedido aos animais aquáticos, quando foram obrigados a tornar-se animais terrestres ou perecer, ocorreu a **esses semi-animais adaptados de modo feliz à natureza selvagem**, à vida errante, à guerra, à aventura – subitamente seus instintos ficaram sem valor e ‘suspensos’. A partir de então deveriam andar com os pés e ‘carregar a si mesmos’, quando antes eram levados pela água: havia um terrível peso sobre eles. (Grifo meu).

Nesse período de intelectualização, conscientização e dessensorialização do homem antigo (que no capítulo “O problema de Sócrates”, de *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche atribui a um esforço obsessivo do mestre de Platão, como vimos acima) surge a má consciência humana em relação aos seus próprios instintos e impulsos, algo completamente desconhecido, por exemplo, pelo homem de ação que povoa o mundo homérico. A noção de homem passa então a se caracterizar pela hipertrofia do chamado mundo interior, antes extremamente delgado. Transforma-se e redireciona-se, pois, o valor da atividade pulsional. Agora regida por uma espécie de “loucura da vontade”¹⁹ e de “crueldade psíquica”²⁰, ela passa a ser interpretada como culpa em relação à santidade de Deus (Pai, Senhor, progenitor e princípio do mundo), idéia na qual são colocadas “as últimas antíteses”²¹ para os “autênticos insuprimíveis instintos animais”²² do homem. Portanto, dirá Nietzsche, impedindo a bestialidade na ação o cristianismo engendra a bestialidade na idéia:

a *vontade* do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação, sua *vontade* de crer-se castigado, sem que o castigo possa jamais equivaler à culpa, sua *vontade* de infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa, para de uma vez por todas cortar para si a saída desse labirinto de “idéias fixas”, sua *vontade* de erigir um ideal – o do “santo Deus” – e em vista dele ter a certeza tangível de sua total indignidade. Oh, esta insana e triste besta que é o homem! Que coisas não lhe ocorrem, que

18 NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2009, II, § 16, p. 72

19 NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2009, II, § 22, p. 81.

20 **Idem.**

21 **Idem.**

22 **Idem.**

desnatureza, que paroxismos do absurdo, que *bestialidade da idéia* não irrompe de imediato, quando é impedido, apenas um pouco, de ser *besta na ação!*...

Com o surgimento desse novo tipo de homem, agora interiorizado, culpado e ressentido de sua condição, os instintos que davam vitalidade, força e prazer ao antigo “homem selvagem, livre e errante”²³ passam a se voltar “*contra o homem mesmo*”²⁴, agora amansado e domesticado pelos “terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade”²⁵. Como se lê em *Genealogia da moral*, II, §22, o homem interiorizado caracteriza-se pela volúpia do automartírio, uma vez que seus impulsos à crueldade foram reprimidos e, então, seu querer fazer mal não se pode mais endereçar ao combate com o outro.

Portanto, socialmente impossibilitados de se externar e satisfazer, os instintos passam a se voltar para dentro: “isso é o que chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua ‘alma’²⁶. Para Nietzsche o resultado desse processo é a proliferação de homens violentamente separados de seu “passado animal”²⁷, carentes de “inimigos e resistências exteriores”²⁸, que passam, então, a maltratar a si mesmos, ferindo-se nas barras das próprias jaulas²⁹:

Para as funções mais simples sentiam-se canhestros, nesse novo mundo não mais possuíam os seus velhos guias, os impulsos reguladores e inconscientemente certos – estavam reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, **combinar causas e efeitos**, reduzidos à sua ‘consciência’, ao seu órgão mais frágil e mais falível! (Grifo meu).

Em *Crepúsculo dos ídolos* Nietzsche não se vale da expressão “interiorização do homem”, mas a pressupõe, elípticamente, ao indicar que uma suposta clareza diante dos “fatos interiores” deixou a humanidade iludida quanto ao conceito de causalidade. Que “fatos interiores” estão aqui relacionados? Ao menos três deles são apontados por Nietzsche como “miragens e fogos-fátuos”³⁰, isto é, como grandes engodos metafísicos da tradição: 1) O Eu como causa da vontade; 2) a consciência como causa das ações e condição para a liberdade da vontade; 3) O Eu como causa do pensamento.

No primeiro caso, a vontade é vista como algo decorrente de uma arbitrariedade subjetiva: meu agir está invariável e absolutamente de acordo com a minha racionalidade, numa total independência de quaisquer outros móveis, sejam eles sensíveis ou inconscientes. Está em jogo, aqui, a separação metafísica entre agente (causa) e consequência (ação). No segundo, a consciência é tomada como soberana

23 Ibidem, § 16, p. 73.

24 Idem.

25 Ibidem, § 16, p. 73.

26 NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2009, II, §.16, p. 73.

27 Idem.

28 Idem.

29 Idem.

30 NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *Os quatro grandes erros*, , § 3, p. 41.

absoluta, de modo que são desconsiderados os motivos pulsionais, inconscientes da ação. Manifesta-se aí a pretensão de que as razões de todo e qualquer ato efetivado deixem-se apreender e determinar, transparentemente. Por último, o próprio pensamento é visto como atividade arbitrária da subjetividade, como se as idéias aparecessem na medida da determinação do Eu.

Convenhamos que sem uma tal arquitetura ideológica o cristianismo – “metafísica do carrasco”³¹ – não poderia responsabilizar/culpabilizar os homens por seus pensamentos, idéias e ações. Estaria inviabilizada, por exemplo, a noção de pecar em pensamento. O cerne da questão é, como desenvolvido em *Genealogia da moral*, I, §13, a introdução moralizadora – sob a sedução da linguagem, da gramática – de um substrato, um agente, um sujeito como causa de toda ação.

Mas não existe um tal substrato; não existe “ser” por trás do fazer, do atuar, do devir; “o agente” é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo. O povo duplica a ação, na verdade; quando vê o corisco relampejar, isto é a ação da ação: põe o mesmo acontecimento como causa e depois como seu efeito. Os cientistas não fazem outra coisa, quando dizem que “a força movimenta, a força origina”, e assim por diante (...) ³²

Está claro que, na leitura nietzschiana da tradição, a noção de causalidade racional-subjetiva coloca-se a serviço do estabelecimento de uma “ordem moral do mundo”, e, respectivamente, de uma justificativa moral da existência. Nesse sentido, o conceito de livre arbítrio/vontade livre demanda o conceito de subjetividade, pensado moralmente como instância racional-consciente de comando do agir e do pensar, substrato cuja operação se realiza – ou deve se realizar – à revelia das paixões, da sensibilidade e das pulsões inconscientes. A idéia de liberdade da vontade como atributo do sujeito racional-consciente pressupõe que toda ação e todo pensamento decorrem de uma escolha, de um desejo, de um fazer. Contrário a esse dogma da metafísica tradicional, Nietzsche considera que aí operam paixões como ódio e vingança à inocência do devir, das pulsões, dos instintos. A implantação da idéia de que o sujeito é “indiferente e livre para escolher”³³, sendo toda ação “considerada como querida”³⁴, serve aos propósitos da moral cristã, que com “vingativa astúcia da impotência”³⁵ transforma a espontaneidade e a inocência da força³⁶, da animalidade, da paixão em perversão, deficiência, aberração, anormalidade, monstruosidade. Por esse meio a moral cristã pode imputar à expressão da força o fato de ser o que é.

O sujeito (ou, falando de modo mais popular, a *alma*) foi até o momento o mais sólido artigo de fé sobre a terra, talvez por haver possibilitado à grande maioria

31 NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *Os quatro grandes erros*, § 7, p. 46.

32 NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2009, I, § 13, p. 36.

33 Ibidem, p. 37.

34 NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit.

35 NIETZSCHE, Friedrich. Op. Cit.

36 Em *Genealogia da moral*, I, p. 13, p. 36, Nietzsche caracteriza a noção de força do mesmo

dos mortais, aos fracos e oprimidos de toda espécie, enganar a si mesmos com a sublime falácia de interpretar a fraqueza como liberdade, e o seu ser-assim como *mérito*.³⁷

Para Nietzsche, todo o longo processo de interiorização do homem – isto é, todo o período compreendido entre Sócrates e o século XIX – caracteriza-se por uma fatídica inversão de valores e fabricação de ideais, donde decorre que a fraqueza torna-se mérito; a impotência, bondade; o medo, humildade; a submissão, obediência; a covardia, paciência ou virtude; o não-poder-vingar-se, não-querer-vingar-se ou perdão...³⁸

Assim, o erro da vontade livre, produzido pela razão na linguagem, é traduzido por Nietzsche como um constrangimento moral ao qual os “teólogos”³⁹ submetem a humanidade, para mantê-la debaixo de suas normas. Por meio do conceito da vontade livre, o homem é responsabilizado, julgado e punido pelos atos que fogem do diapasão teológico. Deve fazer o bem, mas está conscientemente liberado para o mal, caso sua inclinação seja dominante sobre sua vontade, entendida como princípio racional da ação. E, se assim o fizer, deverá expiar pelo erro cometido, por ter faltado com o bem. Trata-se do estabelecimento moral da culpa:

Toda a velha psicologia, a psicologia da vontade, tem seu pressuposto no fato de que seus autores, os sacerdotes à frente das velhas comunidades, quiseram criar para si o *direito* de impor castigos – ou criar para Deus esse direito... Os homens foram considerados ‘livres’ para poderem ser julgados, ser punidos – ser *culpados*: em conseqüência, toda ação *teve* de ser considerada como querida, e a origem de toda ação, localizada na consciência (...)⁴⁰

Em linhas gerais, é este o esquema denunciado por Nietzsche: 1) o homem é dotado de razão, isto é, da faculdade própria ao estabelecimento de juízos acerca das experiências com as quais se ocupa, dos fenômenos que se lhe apresentam; 2) a faculdade prática da razão é a vontade, como poder originário da alma, distinto das paixões; 3) cada homem é causa da própria vontade, que por sua vez é causa da ação; 4) considera-se livre a vontade, de acordo com seu ancoramento na razão – ela é dita livre porque concebida como independente das paixões, do amor próprio, das inclinações sensíveis; 5) sabendo o que deve fazer e sendo livre para fazê-lo

modo anti-subjetivista que compreende, em diversas passagens, a noção de vontade de poder: “Exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força. Um *quantum* de força equivale a um mesmo *quantum* de impulso, vontade, atividade – melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar, e **apenas sob a sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela se petrificaram), a qual entende ou mal-entende que todo atuar é determinado por um atuante, um ‘sujeito’, é que pode parecer diferente.**” (grifo meu).

37 NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2009, I, § 13, p. 37.

38 Ibidem, §. 14, p. 38.

39 NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006, *Os quatro grandes erros*, §.7, p.45-6.

40 Idem.

ou não, ao contrariar o dever o homem assume para si a culpa por não ter seguido os imperativos de sua razão. “Onde quer que responsabilidades sejam buscadas, costuma ser o instinto de *querer julgar e punir* que aí busca. O vir-a-ser é despojado de sua inocência, quando se faz remontar esse ou aquele modo de ser à vontade, a intenções, a atos de responsabilidade: a doutrina da vontade foi essencialmente inventada com o objetivo da punição, isto é, de *querer achar culpado*.”

Entusiasmado por paixões bem distintas da culpa, do ressentimento e da má consciência⁴¹, Zaratustra apresenta como alternativas genealógicas a elas a inocência e o esquecimento, distintivos do além-do-homem que, pensado como a criança do discurso “As três metamorfoses”, não diz mais “eu devo”, como o camelo ou “eu quero”, como o leão, mas passa a poder o que quer por querer o que pode. Alheios à metafísica da vontade, tais paixões engendram avaliações que superam a tradicional condenação do afeto e da finitude (que o caracteriza), restabelecendo assim a alegria e a potência que derivam da assunção da existência como pathos, isto é, como sofrimento: manda em si quem obedece esse imperativo essencial do existir. O contrário disso é pirraça idealista, o que, para Nietzsche, se apresenta tradicionalmente de forma moral, filosófica e científica.

REFERÊNCIAS

KAFKA, Franz. Carta ao pai. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 12ª ed., 2003.

_____. A gaia ciência. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Humano, demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Genealogia da moral: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras, 2009.

_____. Obras incompletas. Coleção Os pensadores: Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978.

41 Culpa, ressentimento e má consciência são os temas das três dissertações de *Genealogia da moral*.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-95-6



9 788585 107956